

# Produção, emprego e estrutura agrária na região cacauceira da Bahia

GERVÁSIO CASTRO DE REZENDE \*

## 1 — Introdução

Evidência de caráter esparso e seletivo sugere que o desenvolvimento agrícola brasileiro tem sido acompanhado de crescente concentração da renda e dos meios de produção. Assim, enquanto nas regiões mais dinâmicas em termos de acumulação de capital e progresso técnico as condições do mercado de trabalho têm-se mostrado bastante insatisfatórias (como é o caso dos “bóias-frias” em São Paulo), nas regiões de agricultura atrasada, como é o Agreste nordestino, tem havido uma verdadeira expulsão de população à medida que se expande a pecuária nas terras das grandes propriedades. Por outro lado, a expansão da agricultura nas regiões de fronteira tem sido caracterizada por uma precária absorção de mão-de-obra, ocorrendo mesmo, em alguns casos, a liberação da força de trabalho tradicionalmente ocupada.<sup>1</sup>

\* Do Instituto de Pesquisas do IPEA. Para o processamento dos dados utilizados, o autor contou com a colaboração de Hermino Ramos de Souza e Ana Maria Reis, ambos da CEPLAC, com os quais pôde manter uma excelente relação de trabalho.

<sup>1</sup> Para o caso dos bóias-frias, ver M. C. I. Mello, *O “Bóia Fria”: Acumulação e Miséria* (Petrópolis: Editora Vozes, 1975), e D. Goodman e M. Redclift, “The Bóias Frias: Rural Proletarianization and Urban Marginality in Brazil”, in *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. I, n.º 2 (1977), pp. 348-364; para o caso do Agreste nordestino, ver M. Lacerda de Mello, “Proletarização e Emigração nas Regiões Canavieira e Agrestina de Pernambuco” (Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, junho de 1976), mimeo, e A. Garcia Jr., “Terra de Trabalho”, tese de mestrado em Antropologia Social (Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1975); para o caso da ocupação da fronteira, ver J. Hebette e R. E. Marin, “Colonização Espontânea, Política Agrária e Grupos Sociais” (Belém: Núcleo de Altos Estudos da Ama-

Com o objetivo de contribuir para a discussão desses padrões de desenvolvimento, apresenta-se na Seção 3 uma análise do papel da estrutura agrária na determinação da produção agrícola, níveis de renda e mercado de trabalho rural. Propõe-se um modelo de “dualidade” pequena produção/produção capitalista: a “pequena produção” (ou “produção familiar”) é definida como aquela baseada na força de trabalho familiar, enquanto “produção capitalista” (ou “produção de *plantation*”) é aquela cuja força de trabalho se compõe predominantemente de trabalhadores assalariados.<sup>2</sup> Essa dualidade se expressa num forte contraste em termos técnico-econômicos – tais como *product mixes*, uso de recursos e produtividade, distribuição funcional da renda, graus e formas de participação no mercado, etc. – bem como em termos das condições diferenciais de propriedade e acesso aos meios de produção. Nessa estrutura agrária, enquanto a pequena produção se caracteriza por restrições severas às suas possibilidades de produção, é somente na produção capitalista que pode haver acumulação de capital e progresso técnico.

Cabe notar que esse modelo pressupõe uma determinada formação histórica, que foi objeto de análise em outro trabalho.<sup>3</sup> Em particular, tomou-se por base um estudo de caso da região cacauífera da Bahia, cujos resultados empíricos são apresentados na seção seguinte.

zônia, Universidade Federal do Pará, 1977), mimeo, e D. Goodman, “The Central West Region of Brazil: Federal Development Programs and Settlement of the Agricultural Frontier”, relatório apresentado ao Banco Mundial (fevereiro de 1976), mimeo.

<sup>2</sup> “Pequena produção” não deve ser tomada como sinônimo de produção “pequena”, nem a produção capitalista é necessariamente “grande”. De maneira análoga, a produção familiar pode ser mercantil, o uso de bens de capital não se restringe obrigatoriamente ao setor capitalista, e não há identidade entre esse setor e a tecnologia moderna. Ainda que essas duas produções possam diferir quanto ao tamanho e à importância relativa das atividades mercantis, não são esses aspectos que discriminam os setores, mas sim o tipo de mão-de-obra utilizada (trabalho familiar e trabalho assalariado).

<sup>3</sup> Ver G. C. de Rezende, “Plantation Systems, Land Tenure and Labor Supply: An Historical Analysis of the Brazilian Case with a Contemporary Study of the Cacao Regions of Bahia, Brazil”, tese de doutorado (Universidade de Wisconsin, 1976).

## 2 — Uma análise empírica da estrutura agrária da região cacauceira da Bahia

As informações a serem utilizadas foram levantadas pela Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacauceira (CEPLAC), como parte de um diagnóstico sócio-econômico iniciado em 1971. Cerca de 3.000 questionários foram aplicados a estabelecimentos agrícolas numa amostra que cobriu 89 municípios com 92.000 km<sup>2</sup> e mais de 2 milhões de habitantes em 1970 (ver mapa adiante).

Nas Tabelas 1 e 2 comparam-se as distribuições das unidades de produção (UP), segundo a área do estabelecimento, para a amostra e o universo. Devido em parte ao desenho da amostra (especialmente o seu grande tamanho), a análise empírica que se segue limita-se a comparações diretas de médias simples da amostra. A hipótese implícita é de que uma análise estatística mais precisa iria confirmar a conclusão básica quanto à forte diferenciação entre a pequena produção e a produção capitalista na região sob estudo. É interessante notar que o cunho conclusivo de uma análise empírica tão simples pode ser tomado como uma evidência em si mesma do fosso que separa essas duas produções. Nesse sentido, é bastante significativo o alto grau de consistência dos resultados empíricos.

Inicialmente, serão apresentados os dados relativos à "zona do cacau" propriamente dita; em seguida, discutiremos os resultados da "região do diagnóstico" como um todo. Uma unidade produtiva integrada o setor da pequena produção se menos de 40% do volume de trabalho utilizado, em homens-ano equivalentes, tiverem sido trabalho assalariado. Caso contrário, a UP é classificada no setor capitalista.

As distribuições setoriais das UP segundo o tamanho (dado pela área) são apresentadas na Tabela 3. Essas distribuições diferem claramente, com uma incidência bem maior de menores estabelecimentos no setor da produção familiar e de médias e grandes UP no setor capitalista. Deve-se notar, contudo, que quase um quarto das UP capitalistas tem menos de 20 ha e que uma proporção considerável delas em ambos os setores está na faixa intermediária de tamanho (20 a 100 ha). Mesmo assim, conforme se verifica em

TABELA 1

*Zona do cacau: distribuição percentual e área média das UP por tamanho*

Classe de Tamanho (Hectares)	Amostra			Universo		
	Número (%)	Área (%)	Área Média (Hectares)	Número (%)	Área (%)	Área Média (Hectares)
0 - 10.....	32,8	2,3	3,5	18,7	1,4	4,6
10 - 20.....	15,6	4,4	14,0	20,1	4,4	13,6
20 - 50.....	28,2	17,6	31,0	32,2	15,8	30,5
50 - 100.....	12,8	17,3	67,0	16,3	17,6	66,6
100 - 200.....	5,5	14,4	130,0	7,6	16,0	130,9
200 - 500.....	3,9	20,9	266,0	3,9	18,0	288,0
500 - 1.000.....	0,7	9,1	646,0	0,9	9,4	640,1
1.000 e Mais.....	0,5	14,0	1.396,0	0,4	17,4	2.771,9
Total.....	100,0	100,0	50,0	100,0	100,0	61,8

FONTES: Amostra: Diagnóstico da CEPIAC.

Universo: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), *Censo Agropecuário da Bahia* (1970).

TABELA 2

*Região do diagnóstico: distribuição percentual e área média das UP por tamanho*

Classe de Tamanho (Hectares)	Amostra			Universo		
	Número (%)	Área (%)	Área Média (Hectares)	Número (%)	Área (%)	Área Média (Hectares)
0 - 10.....	35,8	1,6	3,1	20,4	1,1	4,4
10 - 20.....	12,0	2,4	13,5	16,4	2,6	13,2
20 - 50.....	22,7	10,2	30,8	29,2	10,8	30,2
50 - 100.....	13,6	13,3	67,3	16,2	13,1	66,2
100 - 200.....	8,2	15,6	130,0	9,2	14,7	130,1
200 - 500.....	5,7	23,7	285,3	5,8	20,8	292,4
500 - 1.000.....	1,2	11,4	638,0	1,7	13,8	659,5
1.000 e Mais.....	0,8	21,8	1.777,2	0,9	23,1	2.017,9
Total.....	100,0	100,0	68,4	100,0	100,0	81,8

FONTES: Amostra: Diagnóstico da CEPLAC.

Universo: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), *Censo Agropecuário da Bahia* (1970).



termos da mão-de-obra utilizada — coluna (5) — as formas puras dos dois tipos de produção predominam em ambos os setores.

As distribuições por tamanho escondem em parte a diferenciação entre os dois setores, que se revela de várias maneiras. Em termos de patrimônio, por exemplo, o contraste na incidência de propriedade múltipla, como mostrado na coluna (3) da Tabela 3, é bem acentuado. Essas diferentes condições de propriedade estão estreitamente relacionadas às características técnicas e econômicas prevalentes nos dois setores, que começaremos a discutir com ajuda das Tabelas 4 e 5.<sup>4</sup>

Na “zona do cacau”, produção familiar não é meramente uma produção de autoconsumo ou de subsistência, mas, ao contrário, encontra-se razoavelmente integrada no mercado; este fato fica revelado não só pela especialização produtiva, mas também pela taxa relativamente baixa de autoconsumo. Por outro lado, os resultados confirmam, como era de se esperar, que a produção capitalista se caracteriza por um maior grau de comercialização, como se conclui não só pela maior importância das UP especializadas em termos de número, área e uso de mão-de-obra, mas também pela virtual ausência de autoconsumo — veja Tabela 4 e coluna (4) da Tabela 5. No que se refere à composição da produção, a monocultura é o fenômeno marcante. Além disso, e levando-se em conta que os dados limitam-se às UP especializadas, a produção capitalista é responsável por mais de 90% da produção de cacau, deixando pouco mais de 6% para a pequena produção (os “burareiros”). No caso das culturas temporárias, contudo, a situação é quase oposta, pois as unidades familiares respondem por cerca de 80% da produção de mandioca (Tabela 5).<sup>5</sup>

A Tabela 6 apresenta indicadores seletivos de tamanho das UP por setor e atividade. Pelo critério da área, as UP familiares, qual-

<sup>4</sup> Nessas e nas tabelas subsequentes, uma UP é considerada especializada em uma determinada “atividade principal” se essa atividade (definida como um único produto ou como uma combinação de produtos, a exemplo de cacau-mandioca e cacau-gado) responder por pelo menos 67% do valor bruto da produção da UP.

<sup>5</sup> Essa é uma estimativa que inclui os dados não processados das UP diversificadas, em cuja produção a mandioca deve ser importante.

TABELA 3

*Zona do cacau: distribuição das UP por setor e tamanho, propriedade múltipla e composição da força de trabalho*

Setor e Classe de Tamanho (Hectares)	UP		Área		Índice de Propriedade Múltipla <sup>a</sup> (%)		Trabalho Utilizado (Homens-Ano)	Trabalho Assalariado (%)
	Número (1)	%	Hectare	%	Número	Área		
Produção Familiar.....	532	100,0	10.382	100,0	19,2	23,8	856	3,7
0 - 20.....	249	65,6	2.121	20,4	16,3	43,8	451	2,9
20 - 100.....	173	32,5	6.883	66,3	22,0	11,1	368	5,4
100 e Mais.....	10	1,9	1.378	13,3	80,0	58,1	42	4,8
Produção Capitalista....	413	100,0	38.212	100,0	137,0	237,0	2.745	91,3
0 - 20.....	98	23,7	956	2,5	96,9	377,9	203	79,3
20 - 100.....	220	53,3	9.818	25,7	133,6	352,9	1.065	86,9
100 e Mais.....	95	23,0	27.439	71,8	185,3	190,6	1.470	96,5

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Número (ou área) de UP adicionais declaradas/número (ou área) das UP entrevistadas.

TABELA 4

Zona do cacau: atividade econômica principal por setor

Setor e Atividade Econômica Principal	UP		Área		Uso de Trabalho	
	Número	%	Hectares	%	Homens- Ano	%
	(1)		(2)		(3)	
Produção Familiar...	533	100,0	10.382	100,0	856	100,0
Cacau.....	168	31,5	3.698	35,6	290	33,9
Mandioca.....	169	31,7	2.895	27,9	279	32,6
Outras <sup>a</sup> .....	45	8,4	1.185	11,4	73	8,5
Diversificadas <sup>b</sup> .....	151	28,3	2.604	25,1	214	25,0
Produção Capitalista	411	100,0	38.212	100,0	2.745	100,0
Cacau.....	319	77,5	30.646	80,2	2.372	86,4
Outras <sup>c</sup> .....	28	6,8	4.163	10,9	182	6,6
Diversificadas <sup>b</sup> .....	64	15,6	3.403	8,9	191	7,0

FONTE: Diagnóstico da CEPIAC.

<sup>a</sup> Inclui pecuária bovina e cacau-mandioca.<sup>b</sup> Apenas as UP "especializadas" em um número limitado de "atividades econômicas principais" puderam ser analisadas.<sup>c</sup> Inclui pecuária bovina e gado-cacau.

quer que seja a atividade, formam um grupo homogêneo *vis-à-vis* o setor capitalista — coluna (1). No setor familiar, o produto bruto mais elevado das UP de cacau se deve, ao menos em parte, aos seus maiores custos de produção, em função dos requisitos de capital — coluna (4).

A informação adicional dada na Tabela 7 mostra que as UP familiares são também caracterizadas, em termos de dotações de fatores, por condições técnicas relativamente inferiores. À luz desses resultados, as diferenças que distinguem as UP familiares entre si (por exemplo, entre as UP de cacau e de mandioca) ganham muito menos relevância à vista da dualidade pequena produção/produção capitalista.

A Tabela 8 mostra essa dualidade entre os setores na produção de cacau. Embora a produtividade física por área dependa do processo produtivo como um todo, é razoável admitir que a pior qualidade da terra na pequena produção desempenhe um papel importante. Por seu turno, a escassez relativa de instalações e as condições provavelmente desfavoráveis de comercialização (não somente devido às menores colheitas, menor processamento, etc., mas também por falta de capital de giro) certamente explicam o menor preço recebido



TABELA 5  
Zona do cacau: distribuição das atividades econômicas por setor

Setor e Atividade Econômica Principal	Produção Bruta Total		Produção de Cacau		Produção de Lavouras Temporárias			Auto-consumo (% da Produção Bruta Total) (4)
	Cr\$ 1.000	%	Cr\$ 1.000	%	Total	Mandioca		
						Cr\$ 1.000	%	
Total para a Zona <sup>a</sup> .....	24.325	100,0	22.095	100,0	697	100,0	5.616	2,1
Produção Familiar.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	11,9
Cacau.....	946	3,9	892	4,0	37	4,9	263	4,2
Mandioca.....	357	1,5	44	—	302	43,3	2.659	21,6
Outras <sup>b</sup> .....	192	0,8	73	0,3	46	6,5	303	16,4
Diversificadas <sup>c</sup> .....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	15,9
Produção Capitalista.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	1,2
Cacau.....	20.626	84,8	19.967	90,4	84	12,1	737	0,9
Outras <sup>d</sup> .....	845	3,5	414	1,9	15	2,2	289	3,4
Diversificadas <sup>e</sup> .....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	5,4

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Inclui algumas UP que não puderam ser classificadas nos setores.

<sup>b</sup> Inclui pecuária bovina e mandioca-cacau.

<sup>c</sup> Veja nota "b" da Tabela 4.

<sup>d</sup> Inclui pecuária bovina e gado-cacau.

<sup>e</sup> Exclui a parcela da produção usada como semente.

TABELA 6

*Zona do cacau: indicadores de tamanho por setor e por atividade econômica principal*

Setor e Atividade Econômica Principal	Área por UP (Hectares) (1)	Produto Bruto por UP (Cr\$) (2)	Mão-de-Obra por UP (Homens-Ano) (3)	Capital por UP (Cr\$) (4)
Total para a Zona.....	49,8	18.749	3,68	125.814
Produção Familiar.....	19,5	2.972	1,61	20.139
Cacau.....	22,0	4.280	1,72	30.839
Mandioca.....	17,1	2.059	1,65	9.396
Outras.....	26,3	3.687	1,62	26.511
Diversificadas.....	17,2	2.331	1,42	18.358
Produção Capitalista.....	02,5	41.097	6,68	275.871
Cacau.....	96,1	48.511	7,43	327.147
Outras.....	148,7	31.964	6,50	199.454
Diversificadas.....	53,2	8.141	2,98	53.719

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

pelos pequenos produtores de cacau. Tomados em conjunto, menor produtividade física e menor preço recebido geram o resultado mostrado na coluna (2): em termos de valor, a produtividade por hectare da produção de cacau no setor capitalista (Cr\$ 1.426/ha) é quase o dobro em comparação com a mesma atividade na pequena produção (Cr\$ 786/ha).

Evidência adicional da dualidade pequena produção/produção capitalista é apresentada na Tabela 9. A produção de cacau nos dois setores se mostra significativa e consistentemente diferenciada em termos de tamanho, dotação de recursos (incluindo propriedade múltipla) e produtividade da terra e mão-de-obra. É interessante notar que na produção de cacau o setor familiar não se caracteriza por uma maior utilização de mão-de-obra por área do que o setor capitalista, se ignorarmos a questão da pior qualidade da terra na pequena produção. Em ambos os setores, estabelecimentos menores usam mais trabalho e produzem mais por unidade de área do que os estabelecimentos maiores.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Para dados adicionais e uma discussão breve desta questão da intensidade do uso da terra em função da área do estabelecimento, ver Rezende, *op. cit.*, pp. 284-99.

TABELA 7  
Zona do cacau: dotações de fatores por setor e atividade econômica principal

Setor e Atividade Econômica Principal	Terra/ Mão-de-Obra (Hectares/ Homens-Ano)	Qualidade da Terra <sup>a</sup> (%)	Capital/ Homem (Cr\$/ Homens-Ano)	Capital/ Terra (Cr\$/ Hectares)	Índice de Propriedade Múltipla (%)
	(1)	(2)	(3)	(4)	Número (5) Área
Total para a Zona.....	13,7	19,0	34,8/4	2.527	70,3 197,0
Produção Familiar.....	12,1	n. d.	12.540	1.034	19,1 23,8
Cacau.....	12,8	31,0	17.866	1.401	27,4 33,9
Mandioca.....	10,4	43,0	5.692	549	10,1 6,6
Outras.....	16,2	37,6	16.342	1.007	26,7 21,6
Diversificadas.....	12,2	n. d.	12.953	1.065	17,9 23,5
Produção Capitalista.....	13,9	n. d.	41.305	2.967	137,7 237,0
Cacau.....	12,9	14,8	43.997	3.405	141,1 233,0
Outras.....	22,9	6,9	30.687	1.342	100,0 139,7
Diversificadas.....	17,8	n. d.	18.000	1.010	137,5 392,5

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Percentagem de terra com capoeira na área total. A escolha desse indicador de qualidade da terra se baseou em conhecimento de primeira mão de um agrônomo da CEPLAC, segundo o qual a produção familiar se restringe geralmente a pequenas áreas espalhadas na região, de solos inferiores ("terra de capoeira", em suas palavras).

<sup>b</sup> Exclui terra.

TABELA 8

Zona do cacau: aspectos técnico-econômicos da produção de cacau  
por setor e atividade econômica principal

Sector e Atividade Econômica Principal	Participação de Cacau na Produção Total (%) (1)	Produção de Cacau por Área (Cr\$/Hectares) (2)	Produção de Cacau por Área (Arrobas/ Hectares) (3)	Preço Recebido por Cacau (Cr\$/Arrobas) (4)	Instalações e Benefetorias por Cacau Produzido (Cr\$/Arrobas) (5)
Total para a Zona.....	90,8	1.282	21,3	60,2	163,9
Produção Familiar.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.
Cacau.....	94,3	786	17,3	45,5	69,0
Mandioca.....	12,4	159	3,4	46,1	380,8
Outras.....	38,1	446	10,3	43,1	222,3
Diversificadas.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.
Produção Capitalista.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.
Cacau.....	96,8	1.426	23,2	61,5	167,1
Outras.....	49,0	892	20,5	43,4	197,1
Diversificadas.....	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.	n. d.

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

O contraste entre a pequena produção e a produção capitalista prevalente na “zona do cacau” é também facilmente verificável no conjunto da região coberta pelo diagnóstico da CEPLAC (Tabela 10). Cabe observar que nesse espaço mais amplo a produção familiar adquire maior importância, como indicado pelo substancial volume de mão-de-obra nesse setor — coluna (4). Além disso, a Tabela 11 confirma que pequena produção não é sinônimo de produção de subsistência (ou de autoconsumo), ainda que a produção à base de mão-de-obra assalariada, como era de se esperar, seja muito mais integrada no mercado — coluna (4). Essa integração mercantil comparada fica também revelada pela importância relativa das UP especializadas nos dois setores — colunas (1) e (2).

Por outro lado, a atividade da mandioca é tipicamente da esfera da pequena produção. Isso é evidente mesmo se nos limitarmos às UP especializadas em mandioca dos dois setores. Assim, as UP familiares de mandioca representam quase 29% do número e respondem por quase 28% da mão-de-obra usada no conjunto do setor familiar. Na verdade, uma vez que a produção de mandioca deve certamente ser uma atividade importante no subgrupo das 818 UP não-especializadas desse setor (“diversificadas”), não seria exagerado esperar que a atividade de mandioca pudesse vir a responder até por 50% do volume de trabalho usado na pequena produção. Num contraste marcante, essa mesma cultura é verdadeiramente marginal no setor capitalista. De modo consistente com esse fato, as UP capitalistas de mandioca apresentam menor grau de integração no mercado e usam menos trabalho assalariado do que as demais.

A evidência mostrada nas Tabelas 10 e 11 indica que a mandioca firmou-se mais nitidamente na pequena produção, enquanto a pecuária passou a se destacar mais na produção capitalista (comparem-se as Tabelas 11 e 4). Essas tendências podem ser interpretadas como um processo de alocação de atividades específicas para cada setor. Mandioca é a atividade com o menor requisito de recursos por estabelecimento — colunas (1) e (4) da Tabela 12 — ou melhor, por família, já que um estabelecimento de pequena produção nada mais é do que uma unidade de trabalho e moradia de uma família — coluna (3). Essa característica da mandioca contrasta fortemente

TABELA 9

*Zona do cacau: indicadores de tamanho, dotação de fatores e produtividade do cacau por setor e tamanho da UP*

Item e Setor	Total	Classe de Tamanho (Hectares)						
		0-10	10-20	20-50	50-100	100-200	200-500	500 e Mais
<b>Número de UP</b>								
Produção Familiar.....	168	71	33	43	16	4	1	---
Produção Capitalista.....	320	31	43	110	61	36	28	11
Área Média (Hectares).....								
Produção Familiar.....	22,1	4,2	15,0	30,0	61,8	110,8	200,0	---
Produção Capitalista.....	95,4	5,2	14,5	31,4	69,8	134,1	261,8	897,5
<b>Uso de Mão-de-Obra por UP (Homens-Ano)</b>								
Produção Familiar.....	1,7	1,1	1,9	2,0	2,3	4,3	4,0	---
Produção Capitalista.....	7,4	1,6	2,7	4,0	7,4	10,9	17,3	40,0
<b>Produção Total por UP (Cr\$)</b>								
Produção Familiar.....	4.280	2.232	4.884	4.789	6.670	16.689	19.985	---
Produção Capitalista.....	48.860	4.207	13.942	21.644	53.120	79.124	102.026	310.807
<b>Capital por UP (Cr\$)</b>								
Produção Familiar.....	30.839	12.351	31.136	34.066	59.631	129.816	340.061	---
Produção Capitalista.....	326.125	20.879	54.323	105.296	265.097	526.116	785.774	2.471.067
<b>Número de UP Adicionais (%)<sup>a</sup></b>								
Produção Familiar.....	27,4	26,8	18,2	34,9	6,3	125,0	---	---
Produção Capitalista.....	140,6	129,0	88,4	135,5	157,4	191,7	121,4	218,2

Área de UP Adicionais (%) <sup>a</sup>									
Produção Familiar.....	33,8	110,4	22,1	20,8	2,4	118,5	—	—	—
Produção Capitalista.....	233,9	796,9	183,2	304,4	365,9	304,7	155,4	137,9	137,9
Capital por Mão-de-Obra (Cr\$/Homens-Ano)									
Produção Familiar.....	18,141	11,228	16,987	17,033	25,883	30,190	85,015	—	—
Produção Capitalista.....	41,071	13,049	20,120	26,324	35,824	48,268	45,420	74,277	74,277
Capital/Terra. (Cr\$/Hectares)									
Produção Familiar.....	1,295	2,941	2,076	1,136	963	1,172	1,700	—	—
Produção Capitalista.....	3,419	4,015	3,746	3,353	3,798	3,923	3,001	3,310	3,310
Relação Terra/Homem (Hectares/Homens-Ano)									
Produção Familiar.....	13,0	3,8	7,9	15,0	26,9	25,8	50,0	—	—
Produção Capitalista.....	12,9	3,3	5,4	7,9	9,4	12,3	15,1	22,4	22,4
Qualidade da Terra (%) <sup>b</sup>									
Produção Familiar.....	48,3	18,9	24,5	53,2	53,2	65,5	57,5	—	—
Produção Capitalista.....	29,1	6,2	17,0	20,2	24,6	27,0	36,7	30,7	30,7
Produto por Trabalhador (Cr\$/Homens-Ano)									
Produção Familiar.....	2,518	2,029	2,370	2,385	2,900	3,881	4,996	—	—
Produção Capitalista.....	6,585	2,629	5,164	5,411	7,178	7,259	5,897	7,700	7,700
Produto por Área (Cr\$/Hectares)									
Produção Familiar.....	194	531	326	160	108	151	100	—	—
Produção Capitalista.....	507	809	962	689	761	590	380	346	346

TABELA 10

*Região do diagnóstico: distribuição das UP por setor e tamanho, propriedade múltipla e composição da força de trabalho*

Setor e Classe de Tamanho (Hectares)	UP		Área		Índice de Propriedade Múltipla (%)		Uso de Mão-de-Obra (Homens-Ano) (4)	Trabalho Assalariado (%) (5)
	Número (1)	% (1)	Hectares (2)	% (2)	Número (3)	Área (3)		
Produção Familiar.....	2.087	100,0	64.347	100,0	16,2	23,7	3.944	3,9
0 - 20.....	1.225	58,7	6.500	10,1	13,1	43,1	1.807	2,2
20 - 100.....	699	33,5	29.888	46,4	17,2	17,7	1.618	4,4
100 e Mais.....	163	7,8	27.959	43,5	35,6	25,7	519	8,3
Produção Capitalista.....	855	100,0	142.699	100,0	113,2	125,5	4.716	88,1
0 - 20.....	171	20,0	1.441	1,0	73,7	447,1	322	74,8
20 - 100.....	362	42,3	17.355	12,2	109,9	259,1	1.546	83,3
100 e Mais.....	322	37,7	123.904	86,8	137,9	103,0	2.847	92,8

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.



TABELA 11

Região do diagnóstico: distribuição das UP por setor e atividade econômica principal

Setor e Atividade Econômica Principal	UP		Área		Uso de Mão-de-Obra		Autoconsumo <sup>d</sup> (% do Produto)	Trabalho Assalariado (%)
	Número	%	Hectares	%	Homens-Año	%		
	(1)		(2)		(3)		(4)	(5)
Produção Familiar .....	2.087	100,0	64.347	100,0	3.944	100,0	23,2	3,9
Mandioca .....	602	28,8	11.829	18,4	1.036	27,8	26,9	1,9
Cacau .....	230	11,0	5.469	8,5	425	10,8	4,8	5,6
Pecuária .....	196	2,4	16.444	25,6	473	12,0	30,7	8,2
Suínos .....	77	3,7	2.108	3,3	136	3,4	29,6	2,9
Outras <sup>e</sup> .....	164	7,9	3.075	4,8	250	6,3	17,0	3,2
Diversificadas <sup>b</sup> .....	818	39,2	25.431	39,5	1.564	39,7	41,9	3,6
Produção Capitalista .....	855	100,0	142.699	100,0	4.716	100,0	4,2	88,4
Cacau .....	358	41,9	35.859	25,1	2.607	53,3	1,0	92,1
Pecuária .....	203	23,7	74.514	52,2	1.067	22,6	6,3	88,5
Mandioca .....	38	4,4	1.713	1,2	104	2,2	13,6	75,0
Outras <sup>e</sup> .....	60	7,0	10.753	7,5	283	6,0	1,3	89,8
Diversificadas <sup>b</sup> .....	196	22,9	19.860	13,9	655	13,9	18,8	75,1

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Inclui dendê, mandioca-cacau, feijão, banana e café.

<sup>b</sup> Veja nota "b" da Tabela 4.

<sup>c</sup> Inclui piaçava, pecuária-cacau e dendê.

<sup>d</sup> Exclui a parcela da produção usada como semente.

TABELA 12

*Região do diagnóstico: indicadores de tamanho e propriedade múltipla por setor e atividade econômica principal*

Setor e Atividade Econômica Principal	Área por UP (Hectares)	Produção por UP (Cr\$)	Mão-de-Obra por UP (Homens-Ano)	Capital por UP (Cr\$)	Índice de Propriedade Múltipla (%)	
					Número	Área
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Total para a Região.....	68,4	12.217	2,8	77.836	44,8	95,7
Produção Familiar.....	30,8	2.314	1,9	16.233	16,2	23,7
Mandioca.....	19,8	1.629	1,8	6.270	9,1	10,3
Cacau.....	23,8	4.138	1,8	30.698	28,3	33,5
Pecuária.....	83,9	8.994	2,4	37.874	35,2	31,3
Suínos.....	27,4	354*	1,8	6.421 <sup>a</sup>	14,3	23,1
Outras.....	18,8	1.578	1,5	16.683	17,7	18,0
Diversificadas.....	31,1	1.037	1,9	12.059	12,3	23,7
Produção Capitalista.....	166,9	38.951	5,5	238.666	113,2	125,5
Cacau.....	100,2	45.532	7,3	311.265	137,2	209,4
Pecuária.....	367,1	63.410	5,3	343.307	120,7	90,4
Mandioca.....	45,1	5.224	2,7	26.207	34,2	54,6
Outras.....	179,2	23.962	4,7	157.396	145,0	150,5
Diversificadas.....	101,3	10.109	3,3	63.754	67,3	98,5

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Provavelmente tem erro.

com os recursos utilizados, em média, por uma fazenda de gado no setor capitalista.

Os dados de propriedade múltipla — coluna (5) — mostram que existe uma associação clara entre o patrimônio dos produtores e os recursos utilizados nas respectivas atividades. Deve-se notar que no setor capitalista a produção de mandioca é de pequena importância econômica e realizada numa escala menor que a de outras atividades, caracterizando-se ainda por menores graus de integração no mercado e pelo uso de trabalho assalariado. De maneira coerente, os produtores capitalistas de mandioca diferem dos demais em termos patrimoniais. Numa palavra, mesmo quando aparece no setor capitalista, a produção de mandioca se aproxima dos padrões prevalecentes na pequena produção.

Algumas questões finais podem ser discutidas a partir dos dados da Tabela 12. Em primeiro lugar, é óbvio que a área *per se* não pode servir de medida do tamanho econômico quando se comparam duas atividades tecnicamente tão diferentes como cacau e pecuária; assim, enquanto em ambos os setores a área média de um estabelecimento pecuário é várias vezes superior à de cacau, ambas as UP se aproximam se considerarmos o valor total dos meios de produção utilizados, isto é, o capital total por UP — ver colunas (1) e (4).<sup>7</sup> Em segundo lugar, é interessante observar, nos dados para o setor capitalista, a maior incidência de propriedade múltipla na produção de cacau — coluna (5) — ou melhor, na “zona do cacau”. Isso sugere que a zona do cacau não é diferente de outras regiões de *plantation* em termos de concentração de propriedade dos meios de produção: o que difere é a forma dessa concentração.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Uma vez que a terra usada no cacau é muito mais cara do que a de pastagem, esta conclusão pode-se alterar tendo em vista que não se incluiu, por falta de informação, o valor da terra no item de valor dos meios de produção. A inclusão do valor da terra pode também tornar ainda maior a diferenciação entre a pequena produção e a produção capitalista, dada a concentração das “terras de cacau” nesse último setor.

<sup>8</sup> Este fato costuma ser ignorado em trabalhos que destacam a área média relativamente pequena das fazendas de cacau, em comparação com as grandes propriedades no café, na cana, etc. Ver, por exemplo, M. H. Alencar, “Aspectos da Concentração da Produção de Cacau e da Estrutura Fundiária na Região Cacaueira do Estado da Bahia” (Itabuna: CEPLAC, 1970), mimeo.

A profunda diferenciação entre os dois setores quanto à utilização de meios de produção por unidade de mão-de-obra é mostrada na Tabela 13. Os resultados de produto bruto por área e por homens/ano registrados nas colunas (3) e (4) são plenamente consistentes com todas as conclusões anteriores. Pode-se argumentar, além disso, que a tabela expressa de maneira insuficiente a diferença real entre as duas produções, pois não indica a qualidade da terra utilizada nesses setores.

### 3 — Uma análise da dualidade pequena produção/ produção capitalista

Na análise da zona do cacau apresentada na seção anterior foi enfatizado que a pequena produção, sendo responsável por uma parcela quase insignificante da produção total de cacau, caracteriza-se ainda por condições técnicas e econômicas bastante inferiores em comparação com a produção de cacau no setor capitalista. Além disso, o exame de dados mais completos relativos à região mais abrangente do diagnóstico da CEPLAC mostrou que os produtores familiares, como grupo, têm participação pequena nas atividades econômicas dominantes. Em particular, são expulsos para terras marginais, do ponto de vista do cacau, consideradas piores — onde a “terra de capocira” se destaca — encontrando uma alternativa na mandioca, que, por ser conhecida como “cultura de pobre”, denota adequadamente as condições restritivas de propriedade e acesso aos meios de produção com que se defrontam os pequenos produtores na estrutura agrária da região.

A hipótese fundamental na análise que se segue é de que, com base nas condições diferenciais de propriedade prevalentes nos dois pólos dessa estrutura agrária e nas condições derivadas de acesso a crédito, canais de comercialização, assistência técnica, etc., estabelece-se um mecanismo pelo qual a pequena produção fica limitada a atividades que possam satisfazer dois pré-requisitos: primeiro, que as exigências de recursos, em termos de terra, capital, etc., sejam compatíveis com as restrições de propriedade e acesso prevalentes

TABELA 13

*Região do diagnóstico: aspectos técnico-econômicos da produção  
por setor e atividade econômica principal*

Sector e Atividade Econômica Principal	Área por Trabalhador (Hectares/Ho- mens-Ano) (1)	Capital por Trabalhador (Cr\$/Homens-Ano) (2)	Produto por Área (Cr\$/Hectares) (3)	Produto por Trabalhador (Cr\$/Homens/Ano) (4)
Total para a Região.....	24,5	27.902	178,7	4.380
Produção Familiar.....	16,3	8.960	75,0	1.224
Mandioca.....	10,8	3.447	82,9	894
Cacau.....	12,9	16.613	174,0	2.239
Pecuária.....	34,8	15.694	107,2	3.727
Suínos.....	15,5	3.636 <sup>a</sup>	12,9 <sup>a</sup>	200 <sup>a</sup>
Outros.....	12,3	10.944	84,2	1.035
Diversificadas.....	16,3	6.307	33,3	542
Produção Capitalista.....	30,3	43.270	229,8	6.953
Cacau.....	13,8	42.744	454,6	6.253
Pecuária.....	69,8	65.315	172,7	12.064
Mandioca.....	16,5	9.576	115,8	1.908
Outras.....	38,0	33.370	133,7	5.080
Diversificadas.....	30,3	19.078	100,0	3.025

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Provavelmente tem erro.

entre os pequenos produtores; segundo, que essas atividades não sejam lucrativas se produzidas à base de mão-de-obra assalariada e por isso não sejam atraentes do ponto de vista do setor capitalista. Esta última condição, expressa de maneira mais precisa, significa que a taxa de lucro de cálculo na pequena produção deve ser significativamente menor do que a taxa de lucro vigente nas atividades da produção capitalista. Essa “taxa de lucro de cálculo” é aqui definida como a razão renda líquida (após imputação à mão-de-obra familiar do salário vigente no mercado de trabalho) / valor dos meios de produção utilizados.

Atividades que preenchem a primeira condição são mandioca e cacau em solos inferiores. O fato básico é que a combinação particular de fatores de produção de um estabelecimento agrícola qualquer depende estreitamente das condições de propriedade do produtor. Nesses termos, é obviamente inadequado inferir que o fato de uma maior utilização de fatores de produção no setor capitalista se deva a uma maior eficiência produtiva dos fazendeiros em comparação com os pequenos produtores, como se na realidade existissem os “mercados de fatores” supostos no argumento. Aliás, a mesma barreira que separa os pequenos produtores dos fazendeiros explica, afinal de contas, por que os trabalhadores assalariados não se transformam em fazendeiros.<sup>9</sup>

No que concerne ao segundo pré-requisito para a existência da pequena produção nessa estrutura agrária, a questão que se coloca é a seguinte: é fácil explicar por que os produtores familiares são

<sup>9</sup> Cabe referir uma literatura que procura exprimir analiticamente essa diferenciação setorial por meio de modelos neoclássicos de mercados imperfeitos, com o resultado então de que os contrastes marcantes entre essas duas produções são reduzidos a simples soluções diferentes de equilíbrio da produção, dados os preços diferentes dos fatores com que supostamente se defrontariam os respectivos produtores. A impossibilidade de estender tal tentativa à situação dos trabalhadores assalariados é evidente e fatal para essa literatura. Ver, por exemplo, W. R. Cline, *Economic Consequences of a Land Reform in Brazil* (Amsterdam: North-Holland Publishing Co., 1970); W. R. Cline e R. A. Berry, “Farm Size, Factor Productivity and Technical Change in Developing Countries” (janeiro de 1976), mimeo; P. K. Bardham, “A Model of Growth of Capitalism in a Dual Agrarian Economy”, in J. Bhagwati e R. S. Eckaus (eds.), *Development and Planning* (Londres: George Allen & Unwin, 1972), pp. 109-17; e K. Griffin, *Land Concentration and Rural Poverty* (Londres: MacMillan, 1976).

excluídos do cacau, da pecuária, etc., mas por que razão os produtores capitalistas, em vista de suas superiores dotações de recursos, não produzem mandioca, por exemplo? A resposta só pode residir num diferencial significativo e permanente entre a taxa de lucro vigente nas atividades capitalistas e a taxa de lucro de cálculo, esta última representando uma medida da taxa de lucro que resultaria caso as atividades da pequena produção tivessem sido desenvolvidas à base de trabalho assalariado.

A evidência disponível mostrou-se consistente com a hipótese acima. De fato, como se pode verificar na Tabela 14 – colunas (3) e (4) – existe um grande diferencial entre essas duas taxas de lucro. Ainda que não seja apresentada a taxa de lucro de cálculo para o grande grupo das UP familiares não-especializadas, é razoável acreditar, em função da evidência discutida na seção anterior, que esse grupo se aproxima das UP de mandioca, fortalecendo nossa hipótese.

A concentração da propriedade e acesso aos meios de produção implica, portanto, uma relação determinada entre a taxa de lucro de cálculo e a taxa efetiva de lucro: a primeira nunca pode se igualar à segunda, como condição de existência da pequena produção. Essa relação pode ser agora expressa como uma relação entre a renda por homem no setor familiar e a remuneração da mão-de-obra no setor capitalista. Sejam  $L$  e  $K$  o volume total de trabalho (em homens-ano equivalentes) e o valor total dos meios de produção, respectivamente, associados a uma renda líquida total (ou valor adicionado total),  $Y$ , na pequena produção. Sejam  $\frac{Y}{L} = y$  e  $\frac{K}{L} = k$  a renda por homem e a relação capital/trabalho, respectivamente;  $w$  e  $r$  significam o salário por homem e a taxa de lucro vigentes no setor capitalista e  $r_a$  representa a taxa de lucro de cálculo. A estrutura agrária sob exame implica a seguinte relação:

$$r_a < r \quad (1)$$

Substituindo  $r_a$  por sua definição dada anteriormente, vem:

$$\frac{Y - wL}{K} < r$$

TABELA 14

Região do diagnóstico: renda, salário e taxas de lucro por setor e atividade econômica principal

Setor e Atividade Econômica Principal	Renda Líquida por Trabalhador na Produção Familiar <sup>a</sup> (Cr\$/Homens-Ano) (1)	Salário Médio na Produção Capitalista (Cr\$/Homens-Ano) (2)	Taxa de Lucro de Cálculo na Produção Familiar <sup>b</sup> (%) (3)	Taxa Efetiva de Lucro na Produção Capitalista (%) (4)
Produção Familiar.....	n.d.		n.d.	
Mandioca.....	709		(-) 31,6	
Cacau.....	1.597		(-) 1,3	
Pecuária.....	3.194		8,1	
Sútilos.....	37 <sup>c</sup>		(-) 47,6 <sup>c</sup>	
Outras.....	608		(-) 10,7	
Diversificadas.....	n.d.		n.d.	
Produção Capitalista.....		n.d.		n.d.
Cacau.....		1.976		5,6
Pecuária.....		1.492		11,5
Mandioca.....		609		5,0
Outras.....		1.917		8,3
Diversificadas.....		n.d.		n.d.

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Calculado antes da imputação de renda ao trabalho familiar utilizado.

<sup>b</sup> Calculado depois da imputação ao trabalho familiar do salário médio na produção capitalista (Cr\$ 1.800).

<sup>c</sup> Provavelmente tem erro.



uma expressão que pode ser reescrita como:

$$y < w + rk \quad (2)$$

Essa relação deve ser interpretada como um mecanismo pelo qual se estabelece um máximo para a renda por homem no setor familiar. É interessante notar que, interpretada dessa maneira, essa relação é precisamente o oposto da proposição característica dos modelos duais, que tomam como dado o nível de renda no setor familiar (“setor tradicional” ou “de subsistência”), nível esse que fixa um mínimo para a remuneração da mão-de-obra (o salário) no setor capitalista (“setor moderno”). A relação (2), contudo, deixa em aberto a questão da determinação do salário ( $w$ ).<sup>10</sup>

É importante observar que, para haver essa relação de determinação, é de relevância crucial o fato de, na produção familiar, o produtor direto (isto é, a unidade familiar) estabelecer uma relação específica com os meios de produção, e por essa razão não ter de ocorrer uma distinção entre renda atribuída à mão-de-obra (salário) e renda atribuída ao capital (lucro). Essas categorias de renda devem ser pressupostas apenas na análise da produção capitalista, exatamente como decorrência necessária do uso do trabalho assalariado.<sup>11</sup> Esse contraste entre a produção familiar e a produção capitalista foi percebido em outro estudo da zona do cacau:

“A natureza do uso da terra mostra que [a pequena produção] é um meio de manutenção ou subsistência comparável ao trabalho do assalariado em troca do salário. A semelhança entre essas duas técnicas de subsistência [*sic*] destaca-se nitidamente quando contrastadas com o uso da terra pelos fazendeiros com o fim de aumentar os recursos de capital.”<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Para uma perspectiva crítica dessa teoria do salário que caracteriza os modelos duais, com base na evidência histórica dos “sistemas de *plantation*”, ver Rezende, *op. cit.*, onde elementos de uma teoria alternativa são também apresentados.

<sup>11</sup> Essa peculiaridade da pequena produção, ou seja, a de não pressupor uma taxa de lucro nos mesmos termos que a produção capitalista, é objeto de uma discussão interessante em F. Oliveira, “Agricultura e Crescimento Econômico no Brasil”, in *O Banquete e o Sonho* (São Paulo: Brasiliense, 1976), pp. 28-33.

<sup>12</sup> A. Leeds, “Economic Cycles in Brazil: The Persistence of a Total Culture Pattern, Cacao and Other Cases”, tese de doutorado (Universidade de Columbia,

Essa diferenciação torna possível que se dêem as relações (1) e (2); mas não é por nenhum atributo específico da pequena produção, como seja alguma característica de comportamento (“preferência pelo lazer”, “aspirações limitadas”, etc.) ou de cálculo econômico, que ela se restringe à satisfação das necessidades de subsistência familiar. Ao contrário, a operação do mecanismo expresso formalmente na equação (2) implica não somente uma limitação da produção à satisfação das necessidades de subsistência — sem, portanto, aumento da capacidade produtiva — mas também a própria determinação dessas necessidades de subsistência dos pequenos produtores, tendo por referência o padrão de vida da força de trabalho assalariado correspondente ao salário ( $w$ ). Essa determinação estrutural implicaria, assim, uma tendência latente de homogeneização dos padrões de vida e condições sócio-econômicas entre os pequenos produtores e os trabalhadores assalariados, fenômeno este que foi assim descrito por um estudo já mencionado da zona do cacau:

“Como já foi sugerido, [os pequenos produtores] são (...) intercambiáveis com os trabalhadores (...). Os quatro grupos, burareiros, roceiros, contratistas e trabalhadores, são portanto funcionalmente idênticos quando se opõem aos fazendeiros-industrialistas. Quando o povo da região fala do “lavrador pequeno” ou do “trabalhador rural”, está-se referindo a esses grupos e reconhecendo sua equivalência geral.”<sup>13</sup>

1957), p. 262. Ver também Garcia Jr., *op. cit.*, para uma análise de pequenos produtores em Pernambuco em que igualmente se enfatiza a relação entre produção e consumo na unidade de produção familiar. A busca, na pequena produção, da subsistência familiar foi interpretada pelo presente autor como uma opção à alternativa de emprego nas atividades de exportação, dados os padrões históricos de remuneração da mão-de-obra e condições de trabalho (ver Rezende, *op. cit.*). De maneira sugestiva, o antropólogo Sidney Mintz interpretou a pequena produção no Caribe como uma forma de resistência às *plantations* (ver “The Caribbean”, in *Daedalus* (primavera de 1974), esp. pp. 61-62). Ver também J. S. Leite Lopes, “Notas Críticas ao Desemprego e Subemprego no Brasil”, comunicação n.º 5, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (Rio de Janeiro, 1976), e J. Weeks, “The Political Economy of Labor Transfer”, in *Science and Society*, n.º 35 (1971), pp. 463-80, que apresentam contribuições críticas interessantes aos modelos duais.

<sup>13</sup> Leeds, *op. cit.*, p. 253. Referindo-se ao Agreste nordestino, Lacerda de Mello, *op. cit.*, p. 11, afirma que “(...) parceiros, minifundiários e assalariados

Até aqui, a dualidade produção familiar/produção capitalista foi analisada em função de dois fenômenos relacionados entre si, quais sejam, uma diferença sistemática entre a taxa de lucro de cálculo e a taxa efetiva de lucro e uma relação determinada entre a renda por homem na pequena produção e o salário no setor capitalista. Cabe apresentar uma terceira proposição analítica estreitamente vinculada a essas duas relações.

De fato, na medida em que a taxa de lucro de cálculo referente à produção comercializada seja menor do que a taxa efetiva de lucro, os preços das mercadorias ofertadas pelo setor familiar tornam-se inferiores aos níveis de preços que corresponderiam à produção capitalista dos mesmos bens.<sup>14</sup> Na verdade, é através de processos específicos de formação de preços que a relação (1) é satisfeita, e por isso essa “lei de preços” pode ser igualmente interpretada como uma condição de existência da pequena produção.

Considere-se agora o caso de o setor familiar ofertar os bens-salário ao setor capitalista — como efetivamente se dá com mandioca, feijão, etc. Suponha-se também que o salário real (em termos de bens-salário) seja um dado, isto é, o salário nominal é proporcional aos preços desses bens. Nessas condições, tem-se que a oferta desses bens pela pequena produção, e não pela produção capitalista, significa uma redução do custo da mão-de-obra assalariada (custo esse definido em termos das mercadorias produzidas no setor capitalista) e uma elevação concomitante da taxa efetiva de lucro.<sup>15</sup>

formam categorias interpenetradas que pouco se distinguem umas das outras no tocante aos quantitativos de renda e, portanto, às condições de existência.” Como o texto mostrará posteriormente, os pequenos produtores da zona do cacau trabalham também, como assalariados, nas *plantations*.

<sup>14</sup> O argumento pressupõe, naturalmente, que não ocorra uma redução de custos, devido à maior eficiência, nessa (simulada) incorporação das atividades familiares à esfera da produção capitalista.

<sup>15</sup> Essa conclusão tem sido apresentada em outros trabalhos que procuram analisar o papel e as condições de existência da pequena produção na agricultura brasileira. Ver, por exemplo, J. S. Martins, *Capitalismo e Tradicionalismo* (São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976); e J. C. Duarte e O. Queda, “Agricultura e Acumulação”, in *Debate e Crítica*, n.º 2 (janeiro/junho de 1974), pp. 90-97. É interessante notar uma referência de Marx à condição análoga da

Uma evidência empírica que contribui para a análise do nível de renda e capacidade real de absorção de mão-de-obra no setor familiar é apresentada a seguir. Como se pode ver nas colunas (1) e (2) da Tabela 14, há uma defasagem substancial entre a renda média no setor familiar e a remuneração da mão-de-obra no setor assalariado, implicando uma diferença ainda maior entre o salário e a renda marginal do trabalho familiar.<sup>16</sup> Além disso, as Tabelas 15 a 17 mostram que os pequenos produtores trabalham fora de seus estabelecimentos, muito provavelmente no setor capitalista. Esse trabalho fora parece estar relacionado às limitadas possibilidades de obtenção de renda na pequena produção.

A Tabela 15 apresenta a incidência desse trabalho fora, segundo a área das UP. A “taxa de trabalho fora” — coluna (5)<sup>17</sup> — é uma medida de insuficiência das condições técnicas e econômicas tomadas como um todo relativamente às necessidades de subsistência da família. É interessante notar que essa medida varia consistentemente por classes de áreas, como era de se esperar; em particular, o índice mostra que um quinto da capacidade total de trabalho familiar nas UP inferiores a 10 hectares se realiza como trabalho fora. Essas UP menores, com uma área média de apenas 3 hectares, constituem quase metade das UP familiares. Como se pode ver nas colunas (6) e (7), essas pequenas UP se caracterizam por uma intensidade muito maior de uso da terra (mão-de-obra por área) e

pequena produção européia, conforme mencionado em M. R. G. Loureiro, *Parceria e Capitalismo* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977), pp. 123-24. Existe também uma longa discussão, entre os economistas americanos, sobre um suposto problema de “baixos retornos” na agricultura americana, que consiste, afinal de contas, numa diferença sistemática entre a taxa de lucro calculada para o setor agrícola (onde a *family farm* é preponderante) e a dos demais setores.

<sup>16</sup> Em análise de função de produção, estimada a partir de amostra cobrindo todo o Nordeste, Scandizzo e Barbosa encontraram também uma diferença significativa entre o salário e a renda marginal do trabalho familiar. Ver P. I. Scandizzo e T. Barbosa, “Substituição e Produtividade de Fatores na Agricultura Nordestina”, in *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 7, n.º 2 (agosto de 1977), esp. pp. 381-86.

<sup>17</sup> Definida como 
$$\frac{\text{trabalho fora}}{\text{trabalho fora} + \text{trabalho no estabelecimento}}$$

TABELA 15  
 Região do diagnóstico: incidência de trabalho fora na produção  
 familiar segundo o tamanho das UP

Classe de Área (Hectares)	Número de UP (1)	Área Média (Hectares) (2)	Trabalho Total Homens- Ano (3)	Trabalho Fora Homens- Ano (4)	Taxa de Trabalho Fora <sup>a</sup> (%) (5)	Trabalho Familiar por UP (Homens- Ano) (6)	Trabalho Total por Área (Homens- Ano/ Hectares) (7)	Trabalho Assala- riado (%) (8)
Total.....	2.087	30,8	3.644	631	100,0	1,8	0,06	3,9
0 - 10.....	951	3,0	1.255	332	52,6	1,3	0,45	1,8
10 - 20.....	274	13,5	551	99	15,7	2,0	0,15	3,1
20 - 50.....	451	30,2	1.045	119	18,9	2,2	0,08	3,4
50 - 100.....	248	65,7	573	57	9,0	2,2	0,04	5,9
100 e Mais.....	163	171,5	519	23	3,6	2,9	0,02	8,2

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.

<sup>a</sup> Calculado como  $\frac{\text{trabalho familiar fora}}{\text{trabalho fora} + \text{trabalho no estabelecimento}}$ . Veja o texto.

TABELA 16

*Região do diagnóstico: incidência do trabalho fora na produção familiar segundo o tamanho das UP em termos de uso da mão-de-obra*

Classe de Tamanho (Homens-Ano)	Número de UP (1)	Área Média (Hectares) (2)	Trabalho Total		Trabalho Fora Homens- Ano (4)	Taxa de Trabalho Fora <sup>a</sup> (%) (5)	Trabalho Familiar por UP (Homens- Ano) (6)	Trabalho Total por Área (Homens- Ano/ Hectares) (7)	Trabalho Assala- riado (%) (8)
			Homens- Ano (3)	%					
Total.....	2.087	80,8	3.944	100,0	631	100,0	1,8	0,06	3,9
0 - 1.....	602	16,5	328	8,3	287	45,5	0,5	0,03	1,8
1 - 2.....	723	27,0	950	24,1	175	27,7	1,3	0,05	3,4
2 - 4.....	554	37,9	1.506	38,2	128	20,3	2,6	0,07	3,8
4 - 8.....	181	58,2	915	23,2	38	6,0	4,8	0,09	5,5
8 e Mais.....	27	122,1	245	6,2	2	0,3	8,7	0,07	3,3

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.  
<sup>a</sup> Veja nota da Tabela 15.

TABELA 17

*Região do diagnóstico: incidência do trabalho fora na produção familiar por atividade econômica principal*

Atividade Econômica Principal	Número de UP (1)	Área Média (Hectares) (2)	Trabalho Total Homens-Ano (3)	Trabalho Fora Homens-Ano (4)	Taxa de Trabalho Fora <sup>a</sup> (%) (5)	Trabalho Familiar por UP (Homens-Ano) (6)	Trabalho Total por Área (Homens-Ano/Hectares) (7)	Trabalho Assalariado (%) (8)
Total.....	2.087	30,8	8.944	631	100,0	14,3	0,06	3,9
Mandioca.....	603	19,8	1.097	191	30,3	15,1	0,09	1,9
Cacau.....	230	23,8	425	84	13,3	17,3	0,08	5,6
Pecuária.....	196	83,9	473	38	6,0	8,1	0,03	8,2
Shirés.....	77	27,4	136	23	3,6	14,8	0,06	2,9
Outras.....	164	18,8	249	68	10,8	21,9	0,08	3,2
Diversificadas.....	817	31,0	1.564	227	30,0	13,1	0,06	3,6

FONTE: Diagnóstico da CEPLAC.  
<sup>a</sup> Veja nota da Tabela 15.

menor quantidade de força de trabalho familiar utilizado na UP (mão-de-obra por UP). Parece, portanto, que uma escassez relativa de meios de produção — primeiro de tudo, a terra — leva a um cultivo intensivo, juntamente com trabalho assalariado nas *plantations*.<sup>18</sup> Esse padrão de uso da mão-de-obra familiar, junto com o tamanho minúsculo dessas UP, permite-nos identificar nesse vasto subgrupo da pequena produção a presença do *minifúndio*.<sup>19</sup>

Informações adicionais sobre o fenômeno do trabalho assalariado por parte dos pequenos produtores são apresentadas na Tabela 16, mediante estratificação das UP segundo a quantidade de trabalho familiar utilizado dentro do estabelecimento. As UP familiares que utilizaram menos de um homem-ano mostram uma elevada incidência de trabalho fora. Pela observação da área média desse grupo, bem como de sua menor intensidade de uso da terra e de mão-de-obra

<sup>18</sup> Análise empírica adicional poderia talvez indicar que essa baixa capacidade de absorção de mão-de-obra levasse à migração, especialmente dos membros mais produtivos da família, deixando na propriedade os menos produtivos (mulheres, velhos e crianças). Dessa maneira, estabelecer-se-ia o círculo vicioso: escassez de meios de produção — baixa produtividade — baixa capacidade de absorção de mão-de-obra — migração (permanente ou sazonal) de força de trabalho — baixa produtividade — baixa poupança — escassez de meios de produção.

<sup>19</sup> Para uma análise de um grupo de pequenos produtores na zona do cacau cuja “falta de recursos faz com que trabalhem para os outros em busca da subsistência”, ver A. D. Landim, “Cooperativa Agrícola Mista de Uva Resp. Ltda.” (Itabuna: CEPLAC, 1975), mimeo. De maneira similar, Leeds, *op. cit.*, p. 252, observa que “muitos [pequenos produtores] simultânea ou alternadamente trabalham em seus estabelecimentos e se empregam como assalariados nas fazendas”. É interessante notar que o trabalho assalariado é bastante comum entre os pequenos produtores em regiões de *plantations*; é o caso, por exemplo, de Pernambuco, como descrito em Garcia Jr., *op. cit.*, em que o “roçado” no Agreste se combina com a migração sazonal para o corte da cana. A generalidade do fenômeno pode ser ilustrada por referências a outros países; assim, ver J. S. Handler, “Small-Scale Sugar Cane Farming in Barbados”, in *Ethnology*, n.º 5 (janeiro de 1965), pp. 264-83; R. H. Bisio e F. H. Forni, “Economía de Enclave y Satelización del Mercado de Trabajo Rural. El Caso de los Trabajadores con Empleo Precario en un Ingenio Azucarero del Noroeste Argentino”, in *Desarrollo Económico*, vol. 16, n.º 61 (abril/junho de 1976), pp. 3-56; R. Frucht, “A Caribbean Social Type: Neither ‘Peasant’ nor ‘Proletarian’”, in *Social and Economic Studies*, vol. 16, n.º 3 (setembro de 1967); e L. Schmid, “The Role of Seasonal Labor in the Economic Development of Guatemala” (Land Tenure Center, Universidade de Wisconsin, 1968), LTC n.º 48.



— ver colunas (6) e (7) — pode-se concluir provisoriamente que duas situações estão associadas ao fenômeno do trabalho fora por parte dos pequenos produtores. Na primeira, a do minifúndio típico, o uso intensivo da terra se combina com trabalho assalariado em outros estabelecimentos. Na segunda, não é a escassez de terra que causa esse fenômeno, ainda que essa conclusão possa mudar caso a qualidade da terra seja considerada na análise, mas a falta dessa informação deixa a questão em aberto para pesquisa adicional.

Por último, a Tabela 17 indica que não há diferenças apreciáveis na taxa média de trabalho fora, nem tampouco nos padrões de uso da terra e da mão-de-obra, por atividade. A única exceção é a atividade pecuária, cujos produtores parecem formar uma camada superior no setor familiar, conclusão esta reforçada pelos dados de renda da Tabela 14.

A evidência apresentada nas Tabelas 15 a 17, concernentes à participação dos pequenos produtores no mercado de trabalho como assalariados, permite-nos concluir que as equações (1) e (2) são satisfeitas com base em condições de produção no setor familiar cuja precariedade pode ser conceituada não apenas em termos relativos, isto é, por comparação com a produção capitalista, mas também em termos absolutos, isto é, em termos de um desequilíbrio latente ou virtual, ou até mesmo real, entre as possibilidades de produção e capacidade de geração de renda, de um lado, e as necessidades de subsistência familiar, de outro; nessas condições precárias, a pequena produção passa a pressupor o trabalho assalariado para complementação da renda. Desta maneira, o baixo nível de renda na produção familiar desempenha o duplo papel de (1) baratear os bens-salário e (2) constituir nesse setor uma fonte de mão-de-obra para o mercado de trabalho.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Além disso, cabe notar que, em vista de suas limitadas possibilidades de produção, o setor familiar torna-se uma pobre alternativa ao trabalho assalariado nas *plantations*, e por essa razão a subordinação da pequena produção implica também a garantia de uma oferta de mão-de-obra ao salário vigente; esse argumento encontra-se desenvolvido, à luz de nossa formação histórica, em Rezende, *op. cit.* Todas essas relações intersetoriais podem sugerir uma “funcionalidade” da pequena produção do ponto de vista da acumulação de capital, mas é im-

#### 4 — Produção, distribuição e reprodução das condições de propriedade

É interessante discutir aqui, à guisa de conclusão, um aspecto crucial da análise da estrutura agrária da região.

Conforme discutido anteriormente, a equação (2) estabelece uma relação estreita entre o nível de salário vigente e a renda na pequena produção, expressando-se, assim, a subordinação estrutural do setor familiar. Ora, na medida em que o salário, por definição, seja apenas suficiente para cobrir as necessidades de subsistência da força de trabalho, torna-se evidente que daquela equação decorre necessariamente a conclusão de que o nível de renda possível na pequena produção — dada a estrutura agrária de que é parte — não permite poupança, e portanto investimento, reproduzindo-se, assim, as condições de propriedade e acesso que caracterizam os pequenos produtores.<sup>21</sup>

Por outro lado, a obtenção de lucro e, portanto, a possibilidade de acumular são inerentes à produção capitalista. Pode-se concluir, nesses termos, que as condições prevalecentes de propriedade e acesso são reforçadas pelos processos de produção e distribuição, que por seu turno, são determinados com base nessas mesmas condições de propriedade. Entende-se assim por que a expansão da produção e da melhoria técnica no desenvolvimento agrícola recente tem apresentado os padrões concentradores referidos no início deste trabalho. É que somente uma estratégia que considere explicitamente as prevalecentes condições diferenciais de produção pode levar a um crescimento da produção e da produtividade compatível com os demais objetivos de emprego e distribuição da renda.

portante ter presente a contradição envolvida no atraso técnico do setor produtor dos *bens-salário*; ver, a este respeito, A. Corten, "Valor de la Fuerza de Trabajo y Formas de Proletarización", in *Revista Latinoamericana de Sociología* (Nueva Época), n.º 1 (1974), pp. 45-64, e Rezende, *op. cit.*, pp. 101-30.

<sup>21</sup> A manutenção, e em alguns casos até mesmo a piora dessas condições de propriedade, liga-se também a processos político-institucionais que discriminam a pequena produção, tanto em áreas de fronteira (Norte e Centro-Oeste) quanto nas de antiga ocupação. A conclusão acima, contudo, visa a mostrar que as próprias forças de mercado conduzem normalmente a esse resultado, mantida a concentração prevalecente da propriedade da terra e demais meios de produção.